

# HANTAVIROSE

Morar na cidade, principal foco da doença no Distrito Federal, virou sinônimo de discriminação. Jovens reclamam de tratamento recebido em vans, locais públicos e salas de bate-papo na internet

DF - Saúde

# Preconceito contra São Sebastião

JOÃO RAFAEL TORRES  
DA EQUIPE DO CORREIO

**O**s jovens de São Sebastião lidam todos os dias com dificuldades sociais e escassez de oportunidades. Há pouco mais de dois meses, a vida ficou ainda mais complicada para eles. A hantavirose mudou a rotina dos adolescentes da cidade. Agora, eles passaram a enfrentar o preconceito de viver no local onde a infecção fez mais vítimas até agora. A discriminação chegou até à esfera religiosa. Grupos assistencialistas católicos suspenderam visitas às áreas rurais com medo da doença.

Os relatos falam de discriminação escrachada. Raquel Brandão, 18 anos, passou mais tempo na parada de ônibus depois que um cobrador de lotação trocou São Sebastião por *Ratolandia*, ao anunciar o itinerário a percorrer. "Fiquei parada, sem reação. Senti vergonha e desisti de pegar a van", lembrou.

A jovem, que cursa o 3º ano do ensino médio, relembra outros exemplos de preconceito. Logo quando surgiram os primeiros casos na cidade, ela e uma amiga foram tratadas com aversão na fila de um estabelecimento público. A colega comentou que estava com dor de cabeça e pediu para

sentar. Uma pessoa que estava na fila perguntou de onde vinham e se afastou, ao ouvir que eram de São Sebastião. "Pra completar, a balconista também desistiu de nos atender."

## Bate-papo

Simone Frazão, 16 anos, foi excluída de um bate-papo pela internet ao revelar que era moradora de São Sebastião. Os outros adolescentes que estavam no chat tacharam a cidade como uma "favela cheia de ratos". "Saí da sala e voltei com outro nome. Agora só digo que sou de Taguatinga", confessou.

Em vez de ocultar a identidade, alguns jovens preferem enfrentar

o problema. O estudante Jorge Luiz Vieira, 17, ignora os comentários preconceituosos. "Só dizem absurdos como esses por ignorância. Em vez de revidar, explico que a doença não é contagiosa como pensam."

O medo de pegar a hantavirose fez com que os integrantes do Movimento Escalada, da Igreja Católica, suspendessem todos os encontros e visitas às áreas rurais de São Sebastião. Até os tradicionais退iros em Nova Betânia, que são feitos há mais de 30 anos, não serão mais realizados até que cessem os casos. Até agora, uma morte por hantavirose foi no Núcleo Rural Nova Betânia. "Precisamos

preservar os integrantes do grupo. Somos responsáveis pela vida deles", justificou o coordenador do Escalada, Celso Meneve.

## Ações comunitárias

O preconceito que os jovens sofrem está associado à falta de informações sobre a hantavirose. A psicóloga Ângela Uchôa Branco, professora da Universidade de Brasília e especialista em comportamento social, avalia que a discriminação é uma tendência natural em surtos como esse. "Mesmo sem haver contágio, o medo de infecção estimula o distanciamento dos locais onde a doença surgiu. É uma atitude falha, de quem não

tem esclarecimentos sobre o que está acontecendo", comentou.

De acordo com Ângela Branco, o preconceito só pode ser desfeito com ações participativas da comunidade. "Devemos transformar o jovem vítima da discriminação em agentes esclarecedores. Assim, quando forem agredidos, saberão conter a piada com informações sobre a doença. Esconder que mora em São Sebastião prejudica ainda mais a auto-estima." Ela defende uma ação conjunta entre as Secretarias de Saúde e de Educação. "Antes de desafiar o preconceito dos outros, os jovens de São Sebastião precisam sanar as próprias dúvidas", adverte.

## MAPA DA INFECÇÃO

Lugares do Distrito Federal e municípios goianos próximos a Brasília onde foram comprovadas mortes por contaminação

**Guará ou Pirenópolis**  
1 caso

A empresária Hellen Aragão Salerno, 39 anos, morreu no dia 8 de junho, no Hospital Santa Lúcia. Era dona de uma pousada em Pirenópolis (GO) e morava no Guará II. A causa da morte por hantavirose foi confirmada, mas os governos do DF e Goiás ainda investigam onde ela pegou a doença.

**Cristalina (GO)**  
1 caso

O lavrador Laurindo Pereira dos Santos, 51, morreu no dia 4 de maio. Ele foi infectado pelo hantavirus e morava no assentamento Vista Alegre, a 80 km do centro da cidade.

**Santo Antônio do Descoberto (GO)**  
1 caso

A auxiliar de enfermagem Arlenida Lopes Viana, 45, morreu em 16 de julho por hantavirose. Funcionária do Hospital Regional de Taguatinga há cinco anos, ela vivia na área urbana do município goiano, mas o restante da família mora na zona rural.

**Ceilândia**  
1 caso

A dona de casa Irene da Silva Rosa, 24, moradora do Núcleo Rural Boa Esperança, morreu no último dia 2, no Hospital Regional de Taguatinga. A vítima era casada com um agricultor e apresentou os primeiros sintomas da doença em 24 de junho.

**Recanto das Emas**  
1 caso

Uma pessoa internada há seis dias na UTI do Hospital Regional de Taguatinga está infectada com o hantavirus. O perfil do paciente não foi revelado.

Em tratamento

Morte

Cura

**Sobradinho**  
1 caso

A morte da moradora de um condomínio em Sobradinho II, praticante de ecoturismo, foi confirmada pela Secretaria de Saúde. Mas o nome e a data da morte da vítima do hantavírus não foram revelados. A mulher foi atendida no Hospital Santa Helena.

**Paranoá**  
1 caso

A hantavirose matou Clemilton Rufino Rodrigues de Paiva, 34 anos, morador da invasão do Itapuã, no Paranoá. Ele teria participado de uma pescaria em Sobradinho dos Melos, na área rural entre Planaltina e São Sebastião. O homem apresentou os sintomas da doença dois dias depois.

**Lago Sul**  
1 caso

O funcionário do Banco Central Antônio José Barreto de Paiva, 52, morreu no último dia 22, no Hospital de Brasília. A casa do morador da QI 21 do Lago Sul fica a 500 m da Reserva Ecológica Jardim Botânico de Brasília. Mas a Secretaria de Saúde descarta que a contaminação tenha ocorrido no local — a hipótese é de que Barreto tenha contraído o vírus em Pirenópolis, onde esteve 60 dias antes de apresentar os sintomas da doença.

**São Sebastião**  
4 casos

Denifer Utivma, 17 anos, Adauto Silva Lima, 16, e Francisco Gomes da Silva, 24, morreram entre 22 e 27 de maio por hantavirose. No último domingo, o morador da colônia agrícola Nova Betânia José Valério do Nascimento, 22, morreu com os sintomas da doença. A infecção por hantavirus foi confirmada na quinta-feira.

## 1,3 mil ligações por dia

A confirmação de novas mortes por hantavirose provocou um boom de ligações telefônicas para o serviço de atendimento à população da Secretaria de Saúde, o Disque-Saúde. Em um mês — principalmente nas duas últimas semanas —, a quantidade de telefonemas para perguntar sobre a doença fez com que a média de telefonemas diáriamente subisse de 800 ligações para 1,3 mil — aumento de praticamente 62%.

Mesmo com o aumento de demanda, a equipe do Disque-Saúde continua a mesma. Em cada período do dia, 15 funcionários atendem os telefonemas. Toda a equipe foi treinada para responder perguntas sobre hantavirose em meados de julho. "Mas o número de ligações cresceu mesmo a partir do caso do morador do Lago Sul", disse o responsável pelo call center onde funciona o Disque-Saúde, Francisco Ferreira, da Companhia de Desenvolvimento do Plano Central (Codeplan). O caso de hantavirose confirmado no Lago Sul foi o do funcionário público Antônio Barreto, morador da QI 21. Ele morreu em decorrência da doença no dia 22 de julho.

A maioria das pessoas que ligam para o Disque-Saúde quer saber como pode se pre-

venir da doença, de acordo com Ferreira. Um número menor pergunta sobre os sintomas da hantavirose. "Em alguns momentos do dia, quando o serviço é mostrado em programas de TV, a equipe chega a atender cerca de 180 ligações em apenas uma hora."

O banco de dados foi desenvolvido pela Secretaria de Saúde e hospedado pela Codeplan. O Disque-Saúde foi implantado em agosto de 2002. Desde então, passou a receber ligações de todos os pontos do Distrito Federal e serve como apoio em épocas de campanha de vacinação e outras ações da secretaria.

O serviço funciona todos os dias. De segunda a sexta-feira, os telefonemas são atendidos de 7h às 19h. aos sábados, domingos e feriados, o serviço começa às 8h e vai até às 18h. A equipe do Disque-Saúde atende pelo telefone 160.

A estudante Fabíola Lacerda, 23 anos, foi uma das pessoas que ligou para o serviço da Secretaria de Saúde esta semana. Ela mora no Sudoeste, mas tem diversos amigos e uma irmã que moram no Lago Sul. "A gente se pergunta até que ponto todo o DF não está comprometido em relação à doença. Toda informação numa hora dessas é importante", disse.

**DISQUE-SAÚDE**  
**160**

é o número do telefone do serviço de atendimento à população da Secretaria de Saúde

## Quais os sintomas da hantavirose?

A doença leva de dois a 42 dias para se manifestar, depois que o paciente entra em contato com o vírus. Mas, quando se manifesta, pode matar em até 48 horas. Na fase inicial, os sintomas são semelhantes aos da gripe ou pneumonia, como dores musculares, náuseas, febre alta e dificuldade para respirar. A hantavirose que se manifesta no Distrito Federal é provavelmente a Araraquara, transmitida por roedores do cerrado, da espécie *Bolomys lasiusurus*. Esse tipo de infecção se caracteriza por atacar os pulmões, que ficam inchados e cheios de água. A sensação é de estar afogado, segundo relatos de especialistas.

## Existe cura para a doença?

Não existe um remédio específico que combata a hantavirose, nem uma vacina que possa ser aplicada como prevenção da doença. Estatísticas mostram que praticamente metade dos pacientes que pegam a infecção morre. A sobrevivência depende da resistência do organismo de cada um.

## Como é feito o tratamento dos pacientes?

Nos hospitais, o tratamento é feito para controlar as consequências da infecção, como o acúmulo de água nos pulmões, a febre e a dificuldade para respirar. Quando o doente é internado, os médicos seguem um protocolo básico de investigação. São avaliados como casos suspeitos aqueles cujos pacientes têm quadro agudo de febre maior ou igual a 38 graus; dificuldade para respiração; dores no corpo. A exposição a ambientes rurais nos últimos 60 dias também é considerada pré-requisito da doença. O paciente, então, é submetido a exames de raios-x do tórax e sorológicos, como hemograma, uréia e creatinina.

Dependendo dos resultados, é necessário internar para acompanhar a evolução do quadro. Não há medicamentos específicos para revertê-la. A ventilação, hidratação e taxas do sangue também são controladas para a sobrevivência do paciente.

## Como a doença evolui?

A doença pode levar à morte em até dois dias. Mas, em geral, segue uma escala evolutiva. Os prazos podem variar de acordo com a resistência do organismo do paciente. Em geral, o período de pico dos sintomas é o seguinte:

- Febre: 1º a 5º dia
- Indisposição: 1º a 2º dia
- Calafrios: 1º a 2º dia
- Dor de cabeça: 1º a 2º dia
- Falta de ar moderada: 3º a 5º dia

- Diarréia: 3º a 5º dia
- Falta de ar grave: 4º a 10º dia

- Pressão baixa: 5º a 7º dia
- Taquicardia: 5º a 7º dia
- Pulmões cheios de líquido: a partir do 10º dia

Esses ratos silvestres têm como hábito cavar galerias embaixo da terra, com até 200 metros de comprimento, onde se refugiam e criam os filhotes. Cada fêmea tem, em média, cinco filhotes por gestação. Os roedores silvestres não costumam andar em campos limpos. Ainda não há informações precisas sobre o tempo de sobrevivência do vírus depois que é eliminado nas secreções dos roedores.

## Onde os roedores ficam escondidos?

Os roedores que transmitem a hantavirose vivem exclusivamente no mato. São animais silvestres, que se agrupam em colônias. Quando o número de roedores cresce e falta alimentos para todos, os mais fracos migram para perto do homem em busca de comida. Em geral, buscam alimentos em estoques (especialmente os de grãos), nas rações de animais ou em depósitos de lixo orgânico (restos de comida) e voltam para o mato depois de comer. Só permanecem em ambientes habitados pelo homem quando se sentem acuados. Nesse caso, preferem locais com entulho ou depósitos pouco visitados.